

Escola Atual (1/2)

Não nos é difícil comumente apreendermos a escola como uma organização cujo sentido se encontra na necessidade de preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais: "O seu papel é difundir a sabedoria e esta é necessária para o funcionamento da sociedade. Reduz a ignorância e, por isso, permite que os indivíduos tenham uma conduta esclarecida. Assegura o ajustamento profissional, pois qualquer profissão requer uma quantidade considerável de conhecimentos" (Lobrot 1992).

Mesmo adotando que o computador como recurso, possa ser uma ferramenta que desempenhe um papel benéfico no processo, mesmo de forma diferenciada dependendo das perspectivas e fundamentos com que cada uma das abordagens concebe a aprendizagem, a evidência é que a utilização que se faz hoje, nas escolas, do computador quase nunca tira partido das suas reais potencialidades em termos de alteração na forma como as pessoas aprendem (Papert 1997).

Como Papert destaca a esse desígnio, é no mínimo esquisito que com tão poderosos recursos, que só por si mesmos poderiam constituir um fator de mudança substancial na forma de ensinar e aprender, se continue sem uma mudança na escola, isto é, se continue a fazer o mesmo tipo de trabalho que se fazia antes do aparecimento desses recursos, visando o mesmo tipo de objetivos e sem que ocorra qualquer tipo de evolução (1997).

Tal como tradicionalmente acontecia, o papel da tecnologia reduz-se ainda, na maior parte dos casos, a fornecer a informação previamente selecionada e organizada, como se de um professor se tratasse, e em que o papel do aluno se limita também a receber e a assimilar essa mesma informação (Jonassen 1996); (Peck & Wilson 1999)

Apesar de um conhecimento intrínseco de como deve ser a escola na realidade, depara-se por constatação de facto, que a grande parte dos locais de lecionação ainda são compostos por salas de aula isoladas umas das outras e limitadas nos seus recursos materiais; mesas e cadeiras dispostas em filas; o professor desempenha a função de dono e principal fornecedor do conhecimento; a apresentação da informação é limitada ao uso de textos em livros e do quadro negro e quase sempre de forma linear e sequencial.

Pais, F. (2007). **Impacto das Tecnologias de Informação no processo educativo do ensino secundário**, Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação e Multimédia - Impacto das Tecnologias de Informação na Fernando Pessoa - Porto.

Escola Atual (2/2)

Neste cenário, o professor tem um papel ativo; o aluno é um elemento passivo, um mero recetor dos pacotes de informação preparados e emanados pelo sistema educacional. São escassas as oportunidades para a simulação de eventos naturais ou imaginários, que podem propiciar tanto o aumento da compreensão de conceitos complexos como o estímulo à imaginação.

O currículo educacional é visto através de uma filosofia compartimentada: o conhecimento humano é dividido em classificações não dinâmicas (matemática, geografia, história, literatura, português, língua estrangeira, biologia, física, química, etc.) sem a mais longínqua possibilidade de ver possíveis inter-relacionamentos entre elas. E, finalmente, o aluno que consegue terminar este tipo de estudo é considerado um indivíduo "formado", pronto para o mercado de trabalho e sem necessidade, ou obrigatoriedade, de estudos posteriores.

A quantidade de novas informações disponíveis e com novas formas de acesso, o aumento da complexidade dos sectores da vida tanto profissional, como pessoal; a necessidade de uma exigência de relacionamentos entre os diferentes campos do conhecimento anteriormente tratados de uma forma isolada; a cada vez mais necessária "reciclagem" dos profissionais para se manterem atualizados frente à velocidade das transformações, sugere a premente necessidade de mudanças nos velhos paradigmas de educação.

De acordo com determinadas categorias funcionais, compete à escola a manutenção de padrões através de um processo de generalização dos valores que constituem a componente estrutural do subsistema social primário em que se insere (Parsons 1977) In Berian e Iturrate (1998).

Entre 2004 e 2006, o Instituto da Inteligência analisou 400 crianças com insucesso escolar e concluiu que a culpa não é exclusivamente dos alunos: a verdade é que, em Portugal, se ensina mal. O insucesso afeta 30% a 40% dos jovens do 1.º ao 3.º ciclo, embora, perante provas de inteligência, a grande maioria apresente níveis normais de capacidade de aprendizagem.

Pais, F. (2007). **Impacto das Tecnologias de Informação no processo educativo do ensino secundário**, Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação e Multimédia - Impacto das Tecnologias de Informação na Fernando Pessoa - Porto.